

UM POETA GALEGO NO FASCÍNIO DE PORTUGAL

Carlos Quiroga
Universidade de Santiago de Compostela

Resumo: Retoma-se o exame do relacionamento do poeta galego Manuel Maria com Portugal, reorientado aos focos da Poética e da Política, confirmando a exemplaridade do seu caso no que tem a ver com o aproveitamento e influência dessa relação, em termos de publicação, presenças temáticas e pensamento de língua própria e até pensamento de país. A abordagem segue três etapas sucessivas, acompanhando o percurso vital e literário do Poeta: contato retórico/literário com Portugal, reconhecimento apropriativo, retorno auto-afirmativo continuado. Concluimos que Manuel Maria efectivou um contato que no galeguismo sobrevivente do golpe militar tinha ficado desativado, circulou literariamente e editou com naturalidade em Portugal, e daí decorreu um reconhecimento e assimilação de afinidades linguístico-culturais, uma identificação apropriativa e um retorno auto-afirmativo, com marcas temáticas e posicionamento político/poético, por exemplo, sobre a Norma para o galego. Uma trajetória que reitera a importância do reencontro com Portugal na tomada de consciência Galeguista, e se liga à tradição do filolusismo das Irmandades da Fala.

Abstract: We examine the relationship of the Galician poet Manuel Maria with Portugal, focusing on Poetry and Politics, and the exemplarity of his case drawing on this relationship at publishing, choosing themes for his literature, thinking about the own language and even at thinking about his country. The approach follows three successive stages, following the poet's life and literary path: rhetorical / literary contact with Portugal, appropriative recognition, continuous self-affirmative return. We conclude that Manuel Maria made a contact that in the surviving Galician nationalist movement after the military coup had been deactivated, circulated literarily and edited with naturalness in Portugal, and that was followed by a recognition and assimilation of the linguistic and cultural affinities, an appropriate identification and a self-affirming return, with literary theme and political / poetic opinions, for example, about the normative spelling for Galician language. A trajectory that reiterates the importance of the reunion of the Galician nationalism's consciousness with Portugal, and which is linked to the lusist tradition of the *Irmandades da Fala*.

Palabras chave: Manuel Maria, relação Galiza-Portugal, galeguismo, reinte-gracionismo.

Key words: Manuel Maria, Galiza-Portugal relationship, Galeguism (Galician nationalism), Reintegrationism.

O que tenho para dizer reitera nos seus dados substanciais aquilo que reuni num estudo anterior sobre a relação de Manuel Maria com Portugal, modulado agora para um perfil Poético/Político mais concreto. O anterior foi apresentado no 8º Congresso Internacional de Estudos Galegos da Bahia, Brasil, em setembro de 2006, sendo só publicado seis anos depois (Quiroga 2012). Com a designação do Poeta para as Letras Galegas deste ano, aquela análise veio a ter alguma visibilidade, dando-me inclusive a oportunidade de suprir nesta mesa até uma talvez mais profícua representação lusitana.

Indico isto para deixar por diante duas contextualizações, uma sobre as motivações e teor daquela recolha que servindo de base não indicava, outra sobre as hipotéticas novidades que agora possa trazer. No que tenha a ver com as causas, e mesmo natureza daquele trabalho, poderei ser consciente hoje de dois motivos interligados: que tinha sido feito para honrar, ainda no luto pelo recente falecido, um poeta que sentia da minha tribo, e que pretendia ilustrar um caso de como na configuração sociológica do Sistema Cultural Galeguista Moderno tem sido central o contato com Portugal na tomada de consciência identitária. O tribalismo não se liga tanto a um relacionamento pessoal, e não só porque o Manuel era da chaira e eu montanhês (e ambos sabíamos do provérbio “Com os de Escairom nem trato nem conversação” que diziam os de Monforte), se bem cheguei a ter o privilégio, como tantos e tantas dos presentes, de algum trato humano e mesmo literário, nos bons tempos da revista *O Mono da Tinta* que eu juvenilmente dirigi e na que ele veteranamente colaborou. Ligava-se e liga-se a partilhas plúmitivas e até de visão de língua e de país. Poética e Política, portanto.

Mas também coloco a indicação, e eis a segunda contextualização, para observar que o potencialmente novo no que tenho para dizer reitera os dados, sim, que já substancialmente reunira, para reorientá-los agora ao foco que nos convoca nesta mesa, e prova em essência o mesmo efeito conclusivo: o peso do signo Portugal, que hoje diríamos Lusofonia, na consciência da Galiza. À luz da Política, quanto mais examino (e admiro) a posição de Manuel Maria, mais se reafirmam as minhas convicções sobre o seu entendimento do mundo em volta, e até exemplaridade de caso, a que chegava em 2006, e que já agora me parece “de manual”. À luz da Poética, no que tem a ver muito já em concreto com o peso do mesmo signo lusitano, no sentir e criar de um jovem poeta galego, comprometido com um lúcido entendimento político do seu País, só posso hoje deduzir a serenidade de

um fascínio que apenas a obra e algum percurso de vida provam, na inconsolável certeza de que o Manuel unicamente assim me poderá já responder perguntas que eu hoje maduro poderia pertrechado formular. A Poética torna-se deste modo e muito mais nele Política, e a Política em Poética, porque até com tudo isto o único que se consegue é confirmar a tautológica relação de ambas vertentes neste grande ser humano e bom tecedor de palavras.

Ao querer chamar a atenção agora para um *jovem poeta galego no fascínio de Portugal*, e advertir que no caso de Manuel vejo um “caso de manual”, coloco propositadamente um “de” e não um “por”, com duas justificações. Porque o encantamento será mútuo quando feito deste lado com a autenticidade de poeta e de galego, parte esta última que comporta uma poderosa carga política; e porque num fascínio “de” continuam-se fazendo escolhas de pensamento de país, no que tem a ver com língua, história e libertação nacional sem que a presença do fascínio “por” seja necessariamente provada com temas e formas em homenagem literar, por muito que elas existam no autor galego. Que o Manuel Maria pudesse ser acusado de *gostar de portuguesadas*, como imputa em palco a personagem Moncho à personagem Iago, membro este do Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive, na peça *Rastros* de Vidal Bolaño, só tem o sentido que já tentei explicar num livro recente (Quiroga 2016), dedicado ao devir de encontros e desencontros de tantos séculos entre galegos e portugueses. Com efeito, poderia, mas o seu “caso de manual”, como o de tantos acusados de gostar de portuguesadas, inclinados a um fascínio intencionalmente desexplicado pelos Monchos, e encostados pelas academias como lusistas, reintegracionistas, excluídos involuntários do pensamento e da construção de país que na verdade e ironicamente é o único que explica a natureza do seu agir, segue três etapas clássicas que sintetizo assim:

- 1^a, contato retórico/literário com Portugal
- 2^a, reconhecimento apropriativo
- 3^a, retorno auto-afirmativo continuado

I

Quando interrogado sobre as suas viagens, e em concreto sobre a primeira escapada, Manuel Maria (em adiante MM) começa pela bicicleta e a Terra Chá, refere toda a Galiza aos vinte anos, a universidade de Oviedo aos trinta, Madrid ao casar, e de imediato cita neste liminar resumo Portugal, por altura de uma iniciática viagem com Saleta (Caño 1990: 105). Mas, se não estou em erro, a primeira visita teria sido algo antes deste breve e marcante percurso de vários dias que realiza em 1964 e sobre o que logo voltamos. Teria sido aquele aos trinta e tal anos de idade, num deslocamento pontual para dar uma conferência na Casa dos Jornalistas e

Homens de Letras do Porto, de que também dá detalhes mais na frente nas *Conversas* (Caño, 1990: 106-107). Uma experiência aquela, a primeira, ainda dentro da fase de contato retórico/literário, que deveu ser rápida e cansativa, não identificando conscientemente ainda tal espaço como próprio ou continuativo, apropriativo, salvo na retórica do galeguismo histórico, e apesar de que na distância se coloca mais uma cidade imediata do que um país longínquo (“Leváronme a Porto para dar unha conferencia”), e de que as falas e apresentações dos portugueses se confirmam tediosas mas nunca incompreensíveis (“Primeiramente falou o presidente daquela asociación, despois falou outro señor en nome dos homes de letras, seguidamente Hugo Rocha, o redactor-xefe de *O Comercio do Porto*, fixo unha presentación minha que durou corenta e cinco minutos”).

Daquela primeira e fugaz experiência tem MM a percepção, sim, a propósito da leitura dos seus textos, de que são traduzidos a português por ser lidos por uma poeta portuguesa (“María Alejandrina, unha poetisa portuguesa que morreu hai pouco, leu uns poemas meus traducidos ó portugués”), talvez na antiga inércia estrangeirante ou porque esses poemas eram dos que em Portugal o precederam e arrançados na grafia, ou simplesmente lidos à portuguesa. Em todo o caso, nenhuma necessidade de intermediários, nem nos dilatados prolegómenos dos Homens de Letras do Porto nem nos seus próprios depoimentos, que passam de modo natural com o único peso de uma duração que ele procura encurtar (“e, por fin, comencei eu a conferencia, que abreviei o máis posible”). Um comportamento que em ocasiões deve ser bem diferente noutros espaços que começa a frequentar o Poeta, quem nesta época está iniciando a sua, a partir daí, intensa exposição exterior – ocasiões como as que colocam diante não um público de emigrantes galegos, com quem a comunicação pode ser directa, em Euskadi, nos Centros Galegos de Catalunha, na França ou na Suíça. Sendo realmente o cenário estrangeiro, torna-se imprescindível uma mediação, muitas vezes de professores de espanhol, ou, como no caso da Bretanha, a tradução simultânea de outro poeta local, como Paol Keineg na Casa de Cultura de Rennes, traduzindo para bretão (Caño 1990: 107).

Em Portugal até os poemas em meio português publicados o precederam, como dizia, alguns anos antes, e até eram o motivo daquele primeiro convite. Tinham sido editados na revista *Céltica*, e pois nela não consta qualquer numeração nem data nos exemplares, fiamos na informação de Maria Virgínia Monteiro, a filha ainda viva do seu fundador no Porto, Manuel de Oliveira Guerra, tendo por certo que os quatro números da publicação vieram a lume nos anos 1960 e 1961. Este poeta e contista, que tinha iniciado uma densa e obstinada aproximação à Galiza (Quiroga 2006), infelizmente falecido nesse mesmo ano em que Saleta e Manuel descem depois a Lisboa, tinha chamado muito antes para o seu quebra-gelos de

papel o jovem vate galaico. Oliveira Guerra criara previamente na capital invicta o “Círculo de Estudos Galaico-Portugueses”, procurando o apoio de intelectuais e artistas da Galiza, e ainda essa Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto que depois o convida. A *Céltica* devia ser o instrumento do Círculo para “quebrar a capa de gêlo, esse afastamento de almas colectivas irmãs que sentem o mesmo, que tem o mesmo penumbroso modo de ser e se não comunicam nem dão as mãos” (Guerra 1960: 52). E ao barco foram chamados, como já noutra parte mostrei (Quiroga 2008), vivos e mortos, poemas de escritores já desaparecidos na altura, e trabalhos sobre Noriega Varela, Eduardo Pondal, Ramón Cabanillas ou Francisco Añón, escritores galegos de nomeada como Leandro e Uxío Carré, Pura e Dora Vázquez, Celso Emilio Ferreiro, Xosé M.^a Alvarez Blázquez, Isidro Conde, Antón Tovar, Avelino Abuim de Tembra, Miguel González Garcés, Xosé Díaz Jácome, Álvaro Paradela, Enrique Chao Espina, José M.^a Castroviejo, Victoria Armesto e Xohana Torres, para além de resenhas das obras de outros e outras.

O programa de Oliveira Guerra pretendia estender com os galegos a mesma acção fraterna que os portugueses vinham tratando de realizar com os brasileiros, agora virando-se “para os irmãos da Terra Nai, a velha e linda Galícia, como nos viramos para os irmãos da nação filha, o opulento e promitente Brasil, estabelecendo com eles uma boa e salutar camaradagem sentimental e familiar que adóce e alivie as agruras da vida às gentes” (Guerra 1960: 52). Acredito, como já tenho antes aventurado, em que o início da atividade armada por parte da guerrilha angolana, com um chamado salazarista para a defesa à “integridade da pátria”, teria influído na queda da revista, por talvez parecer suspeita uma estratégia de aproximação à Galiza. Por outro lado, o esforço económico de Oliveira Guerra nesta empresa, num contexto pessoal agora mais dificultado, também teria causado os seus efeitos no apagamento do projeto. Em qualquer caso, a poesia galega, com maior presença quantitativa na revista, tinha sido o instrumento de recolha e divulgação mais visível e interventivo de que dispunha o Círculo.

MM já era um autor muito conhecido na Galiza e o seu convite obrigado na realização de um programa como o dos homens do Porto. E deste modo a sua estreia em Portugal será significativa. É constituída por uma “Carta a D. Henrique o navegante”, no volume onde também é apresentado e comentado pelo próprio Oliveira Guerra, partindo do texto que abre o livro *Documentos persoanaes*, de 1958, e que levava por título “Carné de identidade”. Oliveira pega no famoso verso de “labrego com algo de poeta” e explica como tomou conhecimento de MM (“Foi Abuim de Tembra...”), como lhe enviou o primeiro número da sua revista, e como MM lhe enviou o poema dedicado a D. Henrique e o livro mencionado, do qual vai tirar e comentar alguns poemas (MM 1960: 122-124). Para além da curiosidade de Manuel, naquela primeira versão do poema, descontar um

ano no seu “carné de identidade”, pois afirma ter nascido no ano 30, está a de o poeta chairego cantar o mar português, por intermediação do seu emblema maior no que tem a ver com a fundação das navegações lusitanas, e ainda toda a epopeia das chamadas Descobertas. “O Navegante Maior de todo Portugal”, que tinha recebido do irmão regente a doação do promontório de Sagres e das vilas adjacentes, mandou reconstruir, fortificar e repovoar, e fundou neste primeiro *Cabo Canavial* a base do lançamento oceânico do novo Reino. O diálogo marítimo não deixa de ser significativo no autor, que no ano que precede a sua viagem iniciática a Portugal edita *Mar Maior* em Vigo, na colecção Salnés de Poesia Galega. A parte final deste livro, “Carta ós emigrados”, recolhe cinco envios a outros tantos destinatários, sendo aquele poema para o Infante o primeiro. Recebe pequenos retoques e incorpora dedicatória precisamente “A Manuel de Oliveira Guerra” (1963a: 98). MM dará mostras continuadas, a partir deste primeiro texto poético, de um conhecimento informado da iconografia mítica e dos principais signos culturais e históricos identificadores de Portugal, ao que terá contribuído tanto as leituras que vai reunindo nas suas viagens pelo país como os contatos pessoais. Tal conhecimento, por outra parte, será outro elo de afeição pelo autor.

El Progreso de Lugo, em 15 de novembro do mesmo ano 1963, publica também uma página sob epígrafe “Letras Portuguesas - La Poesia de Manuel de Oliveira Guerra”, que assina Manuel Maria. Aí podemos verificar a homenagem do galego ao poeta e “apasionado amigo de Galicia y de la cultura gallega”, recordando com saudades o “mirador común” dos quatro números da revista *Céltica*, à que deseja renascimento (MM 1963b). Acusa recebimento de três livros do autor do Porto e realiza um breve comentário, ponderando que por cima da escolha mais formalista do português, que gosta pouco do verso livre, está a emoção, o lirismo, a ironia, a ternura, a compreensão da humanidade, a poeticidade desses versos, cujos sonetos dariam a Oliveira Guerra a preeminência do “mejor sonetista con que actualmente cuentan las letras portuguesas”. Mas de imediato passa a reparar nas marcas de “literatura de protesta y de denuncia, escrita ya en el año 1932, cuando todavía no se hablaba ni remotamente de poesía social o de literatura comprometida”. E cita exemplos, sempre no original, e emparenta o protesto com Guerra Junqueiro em Portugal e Rosalía, Curros ou Cabanillas, numa tradição continuada em Celso Emilio, na Galiza, repara na crítica a “este mundo nuestro tan preocupado por el fútbol y la marcha de la Competición de Liga”. Paisagem, saudade, capacidade de falar-nos com palavras que usamos todos, encerram o comentário apologético.

MM tinha publicado ainda na *Céltica* o “Auto do Labrego” e correspondido epistolarmente com Oliveira Guerra durante o pouco tempo que este ainda vive. Também aparece na lista dos “sócios fundadores” do Círculo de Estudos

Galaico-Portugueses com o número 20º, a instituição que o acolha na sua visita ao Porto, e a mesma que inicia a sua promoção em Portugal.

II

É só depois desta primeira fase, que denominamos de contato retórico/literário com Portugal, que acontece uma segunda de “reconhecimento apropriativo”, operada a partir da verdadeira viagem já mentada, em que o fascínio *de se* vai tornar em breve mais patente, até pelo reconhecimento que Portugal rende ao jovem poeta galego. Este vai, pois, a Portugal, país de que algum bom vento para a Galiza passa, desde há tanto tempo, mas com promessas de mais, e vai agora devagar, amorosa e conscientemente. Ele tem 34 anos e do outro lado da Raia já é *ditabrandá*. Ele vai com a sua jovem namorada, Saleta Goi, e leva na algibeira um prémio de 15.000 pesetas por ter ganho o concurso *Nieto Peña* de Rádio Paris, secção galega. É o ano 1964 e viajam de carro, devagar: “Levounos un amigo de Monforte, que tiña auto, e fomos vendo aquilo, moi despaciño, ata Lisboa” (Caño 1990: 105). E param e param e param, em pontos e lugares que são todos de galegos, garante. Seria a toponímia e seriam as pessoas. Seria um bocado tudo. Em qualquer caso, como todos e todas os poetas galegos e galegas que precederam, mas especialmente sucederam neste percurso descendente, que na retrospectiva saudosa das vidas se torna logo ascendente à própria identidade, o Manuel compra livros e livros, *principalmente clásicos portugueses*, assegura, e é uma maravilha, pondera. Um fascínio, até poderia dizer. “Por certo, ó volver por Tui un Garda Civil revolveunos a equipaxe. Ó chegar ós libros díxolle a Saleta: «Mire, iso son libros, cousa da que vostede non entende»... O home púxose colorado e non remexeu mais” (Caño 1990: 105).

É a partir daí que começa a terceira fase e um “retorno identitário” do signo Portugal que mantém uma alimentação contínua e tem consequências poéticas e políticas. Para MM a Galiza sempre foi o âmago, miolo, orientação de obra e comportamento, na Poética e na Política, e o contato com Portugal só pode nutrir tal inclinação. Por um lado, não deixa de acusar na obra publicada as marcas daquele primeiro e incipiente contato, e poemas como “Portugal”, que o galego insere num livro de 1970, *Remol*, com dedicatória a Maria Alexandrina (a poeta portuguesa que o tinha apresentado a ele no Porto), são fruto ainda daquela primeira aproximação retórico/literária dos primeiros roces com Portugal. O poema vai ainda seleccionar-se para um volume de auto-escolhas publicado dois anos depois (MM 1972b: 164-165):

PORTUGAL

pra Maria Alexandrina

Cheguei a Portugal co corazón na mau
na amante companha de Saleta.
Percurei a Camões i a Camilo
e só atopei ao mar diante de mín.

iAtopei o mar! E sempre o mar
escoitando aos pinheiros rumorosos.
O mar da epopeia e dos naufraxos
eternamente deitado rente a tí.

iQué lonxe Angola e Mozambique!
Macao, case irreal, carne de sonho,
E tí, meu Portugal, na veiramar,
dándolhe as costas á sedenta Iberia.

En tí atopei os sonhos meus.
Reconhocín en tí o meu espírito.
Todo estaba tan perto ao corazón
que todo o corazón o adivinhara.

Comprendo, Portugal, a túa fachenda,
o teu sino arrepiante e grandioso.
O coitelo que levas chantado no espírito
fai escoar a tristura feita fado.

Non quero falar de Don Henrique,
nin de feitos groriosos, memorabeles.
iSó quero decir que a túa saudade
é o reino que anceia a minha alma!

Com um pórtico em que coloca a constante acompanhante do autor, Saleta Goi, aparece, em expressão simples, a devoção primária e quase devota de uma voz progressivamente entregue ao deslumbramento por uma terra que dá “as costas á sedenta Iberia”, “En tí atopei os sonhos meus”. Sem que as alterações sejam sistemáticas, repare-se que a representação ortográfica da palatal nasal é aqui -nh-, e o mesmo acontece com a palatal lateral, -lh-, e assim no resto dos poemas deste volume que se publica em Portugal.

O sucesso de MM nos jogos florais de Guimarães em 1971 e a edição da mencionada antologia em Portugal no ano a seguir, junto com as *Odes num tempo de paz e de alegria*, ambas edições da Razão Actual do Porto, levam o autor de

reencontro extensivo com as terras do sul do Minho, como um espaço próprio de crescimento literário. É o tempo das primeiras antologias, inauguradas com a tradução para espanhol da que prepara Basilio Losada para Adonais (MM 1969), que significam uma consagração de costas propositadas à RAG, de quem recusa em 1970 o nomeamento de correspondente pela pouca sensibilidade desta instituição com as nossas letras. O aconchego que recebe em Portugal leva-o a recitais no Porto, Coimbra, conferências em Lisboa, contato com Manuel Rodrigues Lapa, o agente português mais ativo e principal na tendência de aproximação da Galiza a Portugal, cuja proposta codicológica reintegracionista estimula neste período um debate central sobre a função atribuída à língua e à natureza da língua da Galiza em relação aos modelos linguísticos luso e brasileiro. Lapa, que desde a publicação em 1929 da sua tese de doutoramento, sobre as origens da poesia Lírica galego-portuguesa medieval, tinha provocado o interesse imediato da juventude galeguista compostelana, e frequentado depois a Galiza para avultar a irmandade luso-galaica e trabalhar na aproximação cultural, é uma figura querida e reverenciada desde o grupo *Nós* (Loureiro 2006: 35), com homenagens que se prolongam em *Grial*. MM reencontra-o na Universidade de Coimbra, já retornado do Brasil, e tem oportunidade de admirar a reverente acolhida com que é obsequiado pelos estudantes:

Fun dar recitais por todo Portugal cando unha editora do Porto publicou *Auto Escolla Poética de Celso Emilio Ferreiro e 99 poemas de Manuel María*. Foi comigo o editor, Arsenio Mota, e o Pintor Pousa. Pasamos vinte días inesquecibles. Daquilo, o que recordo con especial emoción foi que na presentación de Coimbra, os estudantes puxéronse de pé e adicáronlle unha ovación cerradísima a Manuel Rodrigues Lapa, que entraba no momento de començar o acto. Alí foi onde eu o coñecín. Noutra viaxe fixémoslle unha visita o Lois, a Saleta e mais eu. Rodrigues Lapa estaba moi interesado polos problemas do idioma e, sobre todo, tiña unha ansia tremenda de saber o que era ETA. Pedíume unha serie de información sobre ETA, que non lle puideren dar. (Caño 1990: 108).

O Lapa que tem na Galiza um motivo central de interesse, pois colocava nela a raiz da cultura portuguesa, alarga de modo natural as preocupações culturais às políticas, e desde muito cedo vai defender a tese de uma salvação da cultura e a língua galega que passa por identificar-se com o português. MM é o escritor galego de maior difusão no Portugal da altura, e estava ligado à luta política clandestina no bando da UPG e em relação com o PCP (Loureiro 2006: 44). Lapa devia estar a par das estratégias e relações de poder entre os campos culturais que se digladiam na cultura galega da altura, mas não era comunista. Assim que no encontro

entre ambos, reincidente em Anadia no ano 1973, talvez não houve uma cumplividade absoluta, pelos receios políticos de Lapa e porque o ativismo deste se movia no nível académico e das elites culturais. De qualquer modo, a presenza de MM vai sendo crescente, sendo presentado nos libros que edita em Portugal como “um poeta na pujança da sua carreira”, “uma das vozes mais importantes e comprometidas na Galiza literária de hoje” (contra-capas de *Odes nun tempo de paz e de alegría*), obrigando o autor a uma circulación regular:

Mais tarde publicáronse en Portugal *Odas nun tempo de paz e ledicia e Os soños na gaiola*. No ano 73 ou 74 recibín unha invitación do Centro Internacional de Idiomas, de Lisboa, para darlle un cursiño a licenciados en portugués e profesores de liceo. Alí coñecín ó doutor Francisco José Velozo, co que teño unha gran amizade. O Antón da Ponte, de Ourense, contoume que a última vez que foi Otero a Lisboa só visitou a Francisco José Velozo. Este señor estivo de xuíz en Braga, tivo moito que ver coa revista *Catro Ventos*, paréceme que chegou a ser presidente do Tribunal Supremo de Portugal e tamén foi presidente da Asociación da Lingua Portuguesa. (Caño 1990: 108).

MM publica ademais na *4 Ventos* de Braga o *Auto do Taberneiro*, e aparecen aínda em Portugal traballos críticos referidos a Xosé Crecente Vega (MM 1964) e à poesía galega de pós-guerra (MM 1972a), para além doutras várias obras como a 1ª edición do *Laio e cramor pola Bretaña*. Lisboa, a cidade que não é uma cidade, porque é a cidade, como cantará posteriormente no poema que leva esse nome no livro de 1985, *O camiño é unha nostalxa*, foi percorrida da mão do novo amigo lisboeta acima referido:

Francisco José Velozo ensinounos Lisboa case pedra a pedra. Foi unha maravilla. Tivemos moitos contactos con xornalistas e co doutor Pedro Cabo Fernández, que era presidente da SONAP, a CAMPSA portuguesa. Este señor descendía de galegos. Leváronnos á casa de Sofía Melo, a poetisa portuguesa, e asistimos alí a unha xuntanza literaria moi requintada, incluso había escritores que falaban en francés. Entre os asistentes estaba Carlos Oliveira, que morreu moi axiña. Co doutor Cabo Fernández descubrimos un pouco Lisboa *la nuit*: casas de fados e lugares de espectáculos. Aqueles foron uns días inolvidables. Logo fun a un congreso, ó lado de Setúbal, onde coñecín a Saramago. Outras veces teño ido convidado pola Asociación de Escritores Portugueses e pola Sociedade de Autores Portugueses. Estiven no Teatro Gil Vicente, de Coimbra, e na Universidade, levado polos estudantes. Falei na Universidade de Lisboa e na do Miño, en Braga... (Caño 1990: 108).

Como também cantou/contou Xosé Estévez, “Braga, bagazo gozoso, / Lisboa, chapéu e olhar do Veloso” (Estévez 2001: 139). Velozo também vai recordar esta amizade no seu contributo à homenagem tributada ao Poeta com um título esclarecedor e até lapidar, quando atribuído a MM, “A Galeguidade Portuguesa” (Velozo 2001: 571-574). E a Velozo e “Ao Gualter Póvoas” dedicará o próprio MM no livro já mencionado, *O camiño é unha nostalxa*, outro poema com o título repetido de “Portugal”, dedicatória ausente quando o texto se publica na revista *Nordés* em 1982 (MM 1982a: 13). Nestas visitas a Portugal, MM “achou-se em casa, sem esforço, por nunca se ter desprendido do substrato nativo” (Velozo 2001: 572), outra definição sintética e conclusiva da fase clímax no percurso de um jovem poeta galego no fascínio de Portugal. E não só conhece, enfim, intelectuais e escritores, como Saramago, mas passa até pela rádio e pela televisão portuguesas, tal e como expunha nas suas próprias palavras. Um prolongamento e um reconhecimento apropriativo abraçado pelo poeta com deleite e recordação feliz. Contudo, a vida de MM, como ser humano e como poeta, desenvolve-se prioritariamente ligada à Galiza, cuja história acompanha, nutrindo-se do signo e da extensão apropriadora do Portugal desta altura, e ainda depois, na fase intensa de debate linguístico que se vai abrir na sequência do final da ditadura espanhola.

III

Como prova de um retorno auto-afirmativo do signo Portugal, não podemos passar por cima precisamente deste período sem ter em conta que o amplo movimento social, que em 25 de Abril de 1974 veio depor o regime ditatorial no país vizinho, acompanhado antes, durante e depois por tantos e tantas galeguistas esperanças, até fascinados com o exemplo, vai ter em MM também uma relevância imediata. E aqui abrimos passagem para algumas evidências do regresso adaptativo dessas marcas em MM, que tem a ver com pensamento de língua e norma, mas também com alguma inseminação ou aproveitamento temático. A Revolução de 25 de Abril, a mítica Revolução dos Cravos, ainda que até agora não tenha sido enfatizado, creio que está na nascente imediata da obra *Abril de lume e ferro* do Poeta galego, que a escreve no jacto dos acontecimentos desse mesmo ano de 1974. Como bem apontou Pilar García Negro, MM vem tomar conta, com o seu empenhamento produtivo no âmbito teatral, da “manda non escrita mais igualmente eficaz, que se revela no seu incesante labor por significarnos, por significar a Galiza en toda a súa riqueza e en todas as súas necesidades” (MM 2016: 16), que tinha lançado o galeguismo histórico das Irmandades da Fala, mas nesta peça de um modo especial.

A revisitação de determinada memória histórica, para atualização e desejo de modelação do futuro nacional, passa neste texto por uma presença explícita

do signo Portugal, que só a desconexão do contexto histórico da altura da sua fatura poderia hoje obviar. Trata-se, certamente, de “un drama á galega, porque á historia da Galiza responde, non por un simples locativo, porque aquí, na nosa nación, tivesen lugar os feitos, senón porque ela, a Galiza en si, foi quen de existir como obxectivo político, como identidade que contesta a opresión colonial da Corte, como inxección civil no levantamento militar” (MM 2016: 19-20). Mas este drama à galega pega num alento que anda na altura da escrita a pairar num ar de alegria que a brisa do sul do Minho traz. Lembre-se como a acção revolucionária em Portugal foi liderada por um movimento militar, composto por oficiais (na sua maior parte capitães, com apoio de oficiais milicianos), um movimento que se foi processando durante os meses anteriores, de 1973, com forte orientação socialista na sua origem e de culminação surpreendentemente pacífica (apenas 4 civis mortos e 45 feridos na capital), com o cravo vermelho no cano da espingarda tornado símbolo mítico.

Sem pretender um reconto absolutamente exaustivo de ocorrências, pode-se observar no texto de MM como na Sala de Armas do Quartel do Regimento, onde decorre o primeiro diálogo e se prepara o levantamento, Solis encerra a conversa com os oficiais com um “Viva a Revolución!” (p. 27). “Fora ditaduras!”, aparece na proclama que de imediato se lê (p. 28). E as menções à palavra de ordem bebida em Portugal são inumeráveis: “fervor revolucionário”, “triumfo da Revolución” (p. 30); “Revolución Galega”, “espírito revolucionário” (p. 31); “A Revolución é un feito”, “Gobierno Revolucionario” (p. 34); “alzamento revolucionário” (p. 35); “Vainos a vida nesta revolución”, “ao servizo da Revolución” (p. 36); “baixo este ceo purísimo de abril”, “Abril fixo surdir rosas vermellas” (p. 37); “Gobierno Revolucionario” (p. 38); “A Revolución vai adiante” (p. 39); “Viva a Revolución!” (p. 45); “A Revolución é unha realidade” (p. 46); “verdadeiro revolucionário”, “revolucionario exemplar”, “xornal A Revolución” (p. 47); “facer forte a Revolución” (p. 48); o coro da gente do povo canta “Queremos que triunfe a Revolución!” (p. 50), e encerra o seu parlamento com esta palavra gritada outras seis vezes (p. 51); “Revolución e Liberdade” (p. 52); “pensamento da revolución”, “acción revolucionaria” (p. 53); “a revolución foi unha arrepiante mentira”, “nesta Revolución” (p. 54); “parou unha Revolución”, “Os revolucionários” (p. 56); “para os revolucionários” (p. 57); “os revolucionarios nos atacan”, “o pobo está coa Revolución” (p. 60); “esmagaremos os revolucionários”, “Os revolucionarios soamente” (p. 62); “la rebelión sofocada” (p. 74); “Conspiradores, revolucionários” (p. 75).

O desabrochar da ilusão e do progresso republicanista contra o autoritarismo do governo espanhol presidido por Narváez, ou a sublevação/revolta militar de corte liberal que se dá na Galiza, tem uma leitura passada pela lente de contacto com os recentes acontecimentos em Portugal. “Eu nos militares non me fío”,

afirma o estudante 4º (p. 40), ao que Añón responde, “Os militares, neste caso, obedecen ás Xuntas, que son as que dirixen a Revolución”. Porque nos militares vinha de probar Portugal que se podía também confiar. E “Revolución”, “Revolución”, “Revolución”, mais sete vezes na página 41, rematadas com a menção de Añón, “Meus amigos e camaradas, para facer esta Revolución hai que amar a Galiza”. Creio que com “revolucionários” (p. 42) se encerra nesta obra de MM o derramamento emulador de um processo e uma divisa (Revolução) que tem em Portugal o foco radiante, e dá exemplo como em nenhum outro lado de um *retorno identitário* que alimenta uma obra do Poeta galego na espinha semântica.

Por outro lado, de um modo menos conhecido e até talvez algo inconsciente por parte do autor, MM já tinha escrito para teatro uma peça com conexão lusitana, o *Barriga Verde* (MM 1968). Ainda durante as ditaduras peninsulares, quase esmagada a ligação Galiza-Portugal ao nível das elites, uma vez que o efeito das Irmandades e da Renascença Portuguesa tinha sido asfiziado, ficam pontes a nível popular que continuam permitindo uma passagem continuada. E já nos temos referido noutra parte a essa realidade em que se inscreve a elaboração da “farsa pra bonecos” de MM:

O teatro de títeres de quase todo o século XX, por exemplo, regista no seu elenco a personagem concreta do ‘português’, existindo ademais uma relação íntima entre a companhia mais famosa que se movimentou na Galiza e o próprio Portugal. O mais célebre destes bonecos nas romarias galegas foi durante décadas «Barriga Verde», nome que designa tanto um ‘herói galego’ da estirpe do *Pulcinella* napolitano ou do *Roberto* lusitano como também o da própria barraca e inclusive o seu criador, José Silvent Martínez (1886-1970). Barriga Verde protagoniza o espetáculo mais conhecido na Galiza da primeira metade do século XX e a família do seu inventor passou a Portugal em 1905 para trabalhar por um tempo no Porto, onde teria conhecido os «fantocheiros» e os «robotos». Tendo casado com uma galega natural de Salvaterra do Minho (1919), Silvent estabeleceu-se na Galiza para desenvolver uma dilatada itinerância artística. Entre as personagens criadas por Silvent, e para além do Barriga Verde que representava o mais sensato e engenhoso, estavam o Traga Estopa (publicista), o Demo (o mais ruim), o Cura (o mais interessado), Touro pelo Rabo (o mais inocente), Rosinha (a mais fingida) e o Português (o mais fantoche). (Quiroga 2016: 87).

O *Barriga Verde* de MM coloca em palco, para além do protagonista invocado no título, as personagens do Galego, a Moça, um Serrador, um Grego, o Demo e o Touro, que seguem os comportamentos estereotipados do mencionado e mais famoso teatro de títeres, com menção à “estopa”, uso de garrotes e esquemas

truculentos e jocosos típicos. No lugar do *português* temos aqui o *galego*, uma substituição que prova um apropriamento definitivo na altura. A proposta de encaixação de MM recolhe assim a tradição e o vigor de um espetáculo que na altura talvez começava a definhar mas que o autor, no prólogo, acha levar séculos instalado no país, e ainda promete sempre estar por Galiza adiante, “en Lugo, nas festas do San Froilán; polo Apóstolo, en Compostela; na Pelengrina de Pontevedra; na Cruña polas festas de Agosto; nos Canceiros de Betanzos...” (MM 1968: 9).

MM ainda edita outro livro em Portugal, *Sonhos na gaiola*, ao cuidado dos Serviços Sociais dos trabalhadores da C. G. D. em 1977, versão do mesmo título que tinha sido editado em 1968. E a presença em Portugal incrementa-se de modo exponencial, “debido ós numerosos congresos, simposios, xornadas, encontros de escritores portugueses, lusoespañóis, ibéricos, peninsulares, de lingua portuguesa ou de lingua oficial portuguesa que tiveron lugar nos primeiros tempos da Democracia”, pois “Manuel María era convidado como o poeta galego máis conhecido en Portugal” (Vázquez 2001: 171). Mas a morte do ditador espanhol, no ano que seguiu à Revolução dos Cravos portuguesa, concentra deste lado do Minho as esperanças e os esforços interventivos especialmente políticos. No que tem a ver com Cultura e Literatura, a próxima aparição na Galiza de um mercado de consumo ligado ao ensino em galego, simultaneamente ligado a uma norma ortográfica que logicamente atinge os utentes directos que os escritores são, permite-nos comprovar novamente as marcas do mesmo *retorno identitário* procedente de Portugal que vimos seguindo, pois MM vai posicionar-se com claridade neste contexto. Bem é certo que tal posicionamento procede já das Irmandades da Fala, mas na leitura oportunista da História a orientação vai ficando em retórica para os novos poderes. Como sabemos, os rudimentares organismos oficiais galegos, emanados da estrutura estatal e ditatorial espanhola, tentaram e conseguiram instaurar legalmente para a escrita um código separado do português e próximo do espanhol. MM, apesar de não participar no processo elaborativo da norma e estar ligado aos ditados da UPG em matéria política e cultural, não temeu nunca desafiar esta escolha deixando expressa, em numerosos meios e lugares, a sua posição a favor de uma proposta lusógrafa para o galego (Gil 2016: 175-176). Só não levaria à prática pessoal e imediata a confluência com o português, “na via da melhor tradição galeguista”, por achar-se já “velho para aprender a escrever de jeito diferente” ao que seguira por anos e anos (Gil 2016: 175). As suas repostas sobre a matéria, patentes nas *Conversas* editadas em 1990, continuam a ser um clássico:

–¿Que opina do reintegracionismo?

–Estou a favor. Non escribo en reintegrado, porque cando comezou este movemento eu xa era vello, son algo preguiçoso, e teño uns hábitos de escritura de trinta anos. Pero gustaríame que se utilizase a grafía do portugués, conservando o noso propio idioma. A primeira razón na que me baso para dicir isto, é que a grafía portuguesa vaille mellor. En segundo lugar por diferenciar a ortografía galega da española. E por último, porque isto favorecería tremendamente que tódolos lusófonos puidesen ler ós escritores galegos, sen grandes dificultades. A ortografía paréceme unha ponte importante. Xa no ano 54, falando deste problema co poeta catalán, Carles Riba, dicíame que se eles tivesen un estado ó lado cunha lingua semellante, como temos nós, farían unha aproximación a el. Isto é esencial. Creo que parte do futuro da nosa lingua e a súa expansión natural está cara a Portugal. O resto da xente do estado español é moi diferente a nós, hai moitos séculos de mentalidade centralista enriba, e eu coido que os escritores de linguas periféricas, en Madrid, non se len nin traducidos. (Caño 1990: 110-111).

É nessa coerência que MM publica na norma dissidente, proposta pela Associação Galega da Língua para a Galiza de inícios dos anos oitenta, três livros que empregam a ortografia histórica de convergência com as variantes lusas. Não vamos repetir aqui o processo de estabelecimento normativo e a história do intenso debate da altura em que nasce a AGAL (1981), na que se vai integrar o Poeta chairego, mas devemos recordar que MM, um “poeta do povo”, militante da esquerda, tem a coragem de se posicionar nesta questão (aliás, como Novoneyra e outros autores), e nesse conturbado contexto, desde princípios dos anos oitenta do século passado, adere claramente ao ponto de vista do reintegracionismo. Assim o manifesta ainda anos depois, criticando duramente a Academia e valorizando a postura de Carvalho Calero, “A de Carballo Calero e a de toda a Agal”, pois “Eu son socio de Agal e estou con eles”, e “A min o que me parece inconcebible é a operación que fixeron coa ortografía galega” (Caño, 1990: 111). É por isso que achamos especulativa e infundada a opinião, alguma vez insinuada (mas nunca formulada por escrito), de que MM teria dado aqueles livros à norma dissidente por enfrentar problemas de publicação na altura: a sua visibilidade interna e externa, a circulação em recitais, a presença em antologias e traduções desde a década anterior, davam ao autor um nível de consagração por cima de preocupações adolescentes nesses anos, mas é que consta reiterado o seu parecer sobre a matéria nos posteriores.

Insistindo o entrevistador sobre a “utopia” do reintegracionismo, MM recoloca a questão na sua justa formulação, tantas vezes deturpada do ponto de vista de

quem pretende manter o afastamento entre o galego e o português, e acentua que “Eu só estou porque se escriba coa grafía do portugués, nada mais”, “Non estou por aportuguesar pronuncias e formas”, coincidindo com a intención dos reintegracionistas que “Tentan unha aproximación ó portugués, defendendo a identidade do galego” (Caño 1990: 112). Estou convencido de que se o MM estivesse vendo o tabuleiro e os movementos estratégicos que continuam em 2016 a dar-se nas institucións galegas sobre este disputado assunto, deixando apenas ao reintegracionismo a hipótese de defender a entrada do estudo do português na Galiza como língua estrangeira, algo em que tanto o nacionalismo como a direita galega parecem concordar para esta se candidatar a espaços de poder na CPLP, concordaria também com eu vir aqui contá-lo num texto escrito na versão internacional do Acordo Ortográfico, a única hipótese viável que para alguém comprometido com o mesmo pensamento dele lhe fica apenas.

E se a anterior anotação é especulativa e ultrapassa a verificação da postura política sobre a questão por parte do Poeta homenageado, não achamos descaído deixá-la em constância de um percurso crítico, lúcido e inconformado, que “mostra a decidida consciéncia nacional galega do Manuel” (Gil 2016: 10) e hoje poderia ter essa resposta. Ter dado três poemários, no espaço de quatro anos da década de oitenta, não é só —outra opinião que, esta sim, consta por escrito— uma decisão para “Manuel María mostrar que o conflito que se está a viver entre dúas normativas, a imposta pola Xunta de Galicia, de tendencia españolizante, e a reintegracionista, de tendencia lusista, é artificial e, por mor da situación sociolingüística do galego, negativa para os intereses de Galiza” (Gómez 2001: 222). Não concordamos com Camilo Gómez Torres em que MM “Non se posiciona a favor duns ou doutros, porque considera que tal polémica é artificial e contraproducente, xa que deriva cara a un debate estéril un traballo e uns esforzos que son moi necesarios no campo da problemática social do idioma: a súa normalización” (Gómez 2001: 223). O próprio Camilo escreve na página anterior que à altura dois oitenta “Manuel María mantén os criterios xa expresados dúas décadas atrás” sobre a matéria, e já vimos na citação das *Conversas* o que opinava nos noventa, duas décadas mais na frente. E podemos garantir que assim continuava pensando nos últimos anos de vida. A este respeito, podem consultar a entrada do Portal Galego da Língua, “Manuel Maria, sócio da AGAL”, onde acharão detalhes de como o homenageado no Dia das Letras pertenceu à Associação quase dos inícios, inscrito com o número 469, estando “ao dia no pagamento das quotas até o fim” (AGAL 2016). Claro que MM não ia polemizar sobre o assunto, mas ficou bem longe de não se posicionar, e hoje olharia com um sorriso ainda mais do que triste para o famoso mantra da *normalización*.

Por isso nos resultou como mínimo discutível que os livros mencionados, *Versos do lume e o vaga-lume*, *A luz ressuscitada* e *Oráculos para cavaleiros-do-demo*, que tinham sido anteriormente publicados “em galego reintegrado” no espaço de quatro anos, foram passados à ortografia dita ‘oficial’ na mais recente edição completa da obra do poeta (MM 2001), contrariando um pensamento sobre a questão que consta coerente e convencido durante toda a vida do autor, ainda que ele estivesse ainda presente. Temo-nos perguntado anteriormente até que ponto a saúde e as capacidades de MM poderiam contribuir, nessa altura final, para realizar a nova edição “*baixo a supervisión atenta do autor*”, e até que ponto se legitima um “*rigoroso exercicio de unificación lingüística dos textos, respectando en todo momento as escollas léxicas do poeta e as variantes ‘chairesgas’ que, no plano afectivo, unen as formas da lingua empregada á terra que lles é propiá*”, segundo manifesta o seu editor (MM 2001a: 8). Muito mais quando, como já temos indicado antes, os poemas retocados passaram a ter algumas gralhas contestando qualquer intenção de contribuir para a valorização mais meritória da obra do Poeta. Por outra parte, José-Martinho Montero Santalha, também amigo de MM e coordenador da primeira edição de *A luz ressuscitada*, adverte que

o autor «nom estava nada convencido» do resultado porque, ao seu ver, «esse nom era o caminho». Contudo, também se confessava «canso e com pouca vontade de lutar» nessa altura da sua vida, explica Santalha, pois o autor atravessara diversos problemas de saúde, os quais relata de maneira sucinta numha carta a Maria Virgínia Guerra, filha do poeta português Manuel de Oliveira Guerra. (AGAL 2016).

Ter em conta esta questão numa mesa, que aborda a Poética e Política no autor homenageado, parece-me central e muito mais neste espaço, para deixar o mesmo de merecer o “responso por unha academia”, para provar que aqueles versos em que era acusada de viver “en pura ortodosia/ de costas pró seu país” (MM 1976: 17) ficaram no passado, como provam tanto a renovada (esta sim) atitude do Poeta ao seu respeito, como a escolha dele para as Letras Galegas por parte desta, e ainda este Simpósio, e ainda o consentimento para eu expor aqui a presente abordagem.

Acabo já na síntese de que no percurso MM se prova, como já tinha feito antes, a importância do reencontro com Portugal e com a Lusofonia para a tomada de consciência Galeguista; de que a aproximação a este referente produziu-se por contato geográfico e humano efectivado, ultrapassando o corte abrupto que o golpe militar e as ditaduras peninsulares tinham provocado, arrumando uma

irmandade na retórica em que se estacionou uma parte do galeguismo sobrevivente; continuou-se com a troca literária e a publicação, de que decorrem um reconhecimento e assimilação das afinidades linguístico-culturais; assentou-se na identificação apropriativa e no retorno auto-afirmativo de marcas temáticas e pensamento político sobre a língua própria, quer dizer sobre a escolha da sua Norma. E que MM manterá esta posição, Poético/Política, inclusive quando dentro da Galiza se retira visibilidade ao referente lusófono, e quando até certo nacionalismo galego e todo o campo do poder sobre a língua se submetem a realizar uma reformulação dos moldes identitários galegos em termos isolacionistas. Uma coincidência com os interesses do centralismo espanhol de que, por outra parte, já tinha advertido Carvalho Calero, essa figura altamente valorada por MM. Se o caso deste não é dos mais significativos, quanto ao peso absoluto da relação com Portugal no conjunto da sua obra, é o suficientemente importante, e até “de manual”, para ser justos com a apreciação cabal dos seus contributos poético/políticos, e para tomarmos ainda algum ensinamento do prolongado compromisso com a Galiza que tem evidenciado e seguramente todas e todos partilhamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAL = Associação Galega da Língua (2016): “Manuel Maria, sócio da AGAL”, *Portal Galego da Língua* 16/V/2016. (Disponível em <http://ppl.gal/manuel-maria-socio-da-agal/>).
- Céltica: caderno de estudos galaico-portugueses*. Porto, n.º 1 (1960) – n.º 4 (1961).
- Caño, Xosé Manuel del (1990): *Conversas con Manuel María*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Estévez, Xosé (2001): “A fidelidade no espello”, em Alfonso Blanco Torrado (coord.), *Manuel María*. [libro homenaxe / organizado pola] Asociación Cultural Xérmolos. Lugo: Ophiusa, 133-140.
- Gil Hernández, Antón (2016): *Solilóquios con Manuel María*. Boletim da AGLP. Anexos 4. [A Coruña]: Academia Galega da Língua Portuguesa.
- Gómez Torres, Camilo (2001): *Manuel María os traballos e os días*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- Guerra, Manuel Oliveira (1960): “Ao que venho...”, *Céltica* 2, 51-53.
- Loureiro Rodríguez, Cristina. (2006): *O projecto de Rodrigues Lapa para a Galiza no tardofranquismo (1968-1975)*. Trabalho de Investigação Tutelado defendido na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela (4/IX/2006), inédito.
- MM = Manuel María (1957): “Auto do Taberneiro”, *Quatro ventos* 10, 114-124.
- (1960): “O poeta Manuel María presenta-se...”, *Céltica* 2, 122-124.

- (1963a): *Mar Maior*. Salnés 9. Vigo: Galaxia.
- (1963b): “(Letras Portuguesas) La poesía de Manuel de Oliveira Guerra”, *El Progreso* 15/X/1963.
- (1964): “Notícia da Vida e da Poesia de Xosé Crecente Veja”. *Biblos* XL, 261-317.
- (1968): *Barriga Verde*. Vigo: Edicións Castrelos.
- (1969): *Antologia Poética / Escolma Poética*. Adonais 265-266. Madrid: Ediciones Rialp. Edição de Basilio Losada Castro.
- (1972a): “Noticia da poesía galega de posguerra”. Separata de *Lingua e Cultura*, volume II, nº 1. Lisboa: Sociedade de Lingua Portuguesa.
- (1972b): *Noventa e nove poemas (1950-1970)*. Porto: Razão Actual.
- (1972c): *Odes num tempo de paz e de alegria*. Porto: Razão Actual.
- (1973): *Laio e cramor pola Bretaña*. Lisboa. [s.n.].
- (1976): *Cantos rodados pra alleados e colonizados*. Pontevedra: Edicións Xistral.
- (1977): *Sonhos na gaiola*. Lisboa: Serviços Sociais dos trabalhadores da C. G. D. Arranjo de Arsénio Mota e António Cabral.
- (1982a): “Portugal”, *Nordés* 7, 13.
- (1982b): *Versos do lume e o vaga-lume*. Ourense: Galiza Editora.
- (1984): *A luz resuscitada*. Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua.
- (2001a): *Obra poética completa, tomo I*. A Coruña: Espiral Maior.
- (2001b): *Obra poética completa, tomo II*. A Coruña: Espiral Maior.
- (2016): *Abril de lume e ferro*. A Coruña: Fundación Manuel María de Estudos Galegos.
- Quiroga, Carlos (2006): “Oliveira Guerra, escritor e intermediário”, *Agália. Revista de Ciências sociais e Humanidades* 85/86, 241-248.
- (2008): “Oliveira Guerra e a revista *Céltica*”, em Carmen Villarino Pardo, Elias J. Torres Feijó e José Luís Rodríguez (eds.), *Da Galiza a Timor: a lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Santiago de Compostela: Universidade, vol. I, 159-169.
- (2012): “Manuel Maria em Portugal. Lusofonia e tomada de consciência identitária na Galiza”, em Olivia Rodríguez González, Laura Carballo Piñeiro e Burghard Baltrusch (eds.), *Novas achegas ao estudo da cultura galega II. Enfoques socio-históricos e lingüístico-literarios*. A Corunha: Universidade, 151-172. (Disponível em <http://pgl.gal/manuel-maria-em-portugal-lusofonia-e-tomada-de-consciencia-identitaria-na-galiza/>)
- (2016): *A imagem de Portugal na Galiza*. [Santiago de] Compostela: Através Editora.

- Vázquez Cuesta, Pilar (2001): “A miña vella amizade con Manuel María e tamén con Saleta”, em Alfonso Blanco Torrado (coord.), *Manuel María*. [libro homenaxe / organizado pola] Asociación Cultural Xérmolos. Lugo: Ophiusa, 159-172.
- Velozo, F. J. (2001): “A Galeguidade Portuguesa”, em Alfonso Blanco Torrado (coord.), *Manuel María*. [libro homenaxe / organizado pola] Asociación Cultural Xérmolos. Lugo: Ophiusa, 571-574.